



NJELE SONGA

O TAMBOR DO ALTO



**BANCADA
DOS
ESCRITORES**

NJELE SONGA

O TAMBOR
DO ALTO



SOBRE O AUTOR!



Benjamin Njele Songa, nascido aos 11/01/2000, filho de Miguel Custódio Songa e Felícia Nangungui, primeiro filho dos pais e 11 irmãos.

Aos 5 anos começou a vida acadêmica no município do Bailundo, onde fez o ensino primário e o primeiro ciclo. Aos 17 anos entrou no seminário Franciscano em Malange onde fez o segundo ciclo. Hoje vive no Brasil a fazer o curso de Filosofia. Aos 14 anos começou a escrever poemas e é amante da literatura africana. Ama escrever poemas. E fez da poesia a sua vida.



SOBRE NÓS!

A Bancada dos Escritores foi fundada oficialmente no dia 05 de Setembro de 2021, por Nascimento Artur Hebo, Junto de Mayomona Dinis. A Editora foi criada preliminarmente como uma ajuda para os escritores da nova geração, foi criada para direccioná-los nalgumas Editoras com o escopo de pudermos assoalhar as suas obras, quer electrónica quer física, à vista disso, mantíamos contactos com várias editoras, e concomitantemente, surgiu-nos a imprescindibilidade de criarmos uma editora, com o intento de difundir a cultura nacional e de valorizar o livro e a leitura. Concebemos os serviços de edição de livros digitais e físicos, promovendo o trabalho do escritor em diversas páginas e plataformas.



FICHA TÉCNICA

Título: O Tambor do Alto

Autor: Njele Songa

Formatação e Revisão linguística:

ISBN 978-65-00-65222-2

Editora: Bancada dos Escritores

Diagramação: Mayomona Dinis João

Ano 2023

País Angola

Cidade Luanda

Editor: Mayomona Dinis

Capa: Otchali Hebo

Correio electrónico: bancadadosescritores2@gmail.com

WhatsApp: +244 956 305 122

+244 939 835 951

+244 929 519 436

Facetou: Bancada dos Escritores

Copyright © 2023 Editora Bancada dos Escritores

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito da editora e do escritor autóctone, excepto nos casos

de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.



*Dedico esta obra aos Mussecadas,
aos que madrugam todos os dias
esperando o som do tambor e
aos meus irmãos.*



A pessoa que não agradece é feiticeira, assim diz a cultura Bantu. Assim eu tenho de agradecer aos Mussecadas que todos os dias me incentivam a escrever, e também aos meus pais e professores pela formação. Aos meus irmãos eu dou o meu grande abraço. Ao poeta lundindi que aceitou prefaciar esta bela antologia e a editora (Bancada dos Escritores) que me deu forças para organizar estes poemas, de facto, não sei como agradecer, mas o muito obrigado já ajuda muito. Aos leitores agradeço também!



PREFÁCIO

"A poesia não dá pão, mas alimenta o Espírito".

Ab initio gostava de agradecer pelo convite que o meu mui amigo e coevo de longa data Benjamim Njele Songa me endereçou, para prefaciá-la a sua obra que ora acaba de nascer nesta maternidade literária. Na verdade, quando ligou pra nós, com o objetivo de nos lançar esse desafio, percebemos a literatura de Pedro quando negou o seu Mestre. Confesso, que estamos cômicos de que, é uma tamanha responsabilidade, pois que, consideramo-nos um grão de areia nesta maré que se chama Literatura. Todavia, como nós somos aquilo que chamamos de Resistência parafraseando o escritor Mwene Vunongue na sua obra "Os Atongoko De Um Jovem Leberde", eis-nos aqui para podermos tecer algumas palavras à respeito dessa maravilhosa obra. Que Quintiliano 1º interceda por nós e que não nos coloque na cadeira dos réus.

"O Tambor do Alto" é uma obra pequena em páginas, mas rica em CONTEÚDOS, constituída por apenas 56 páginas, onde em cada lauda e poema, o autor procura "entrar em congresso consigo mesmo", mostrando a RESISTÊNCIA dessa geração discriminada, que luta para elevar a sua voz no Tambor do Alto. Certamente, assim como eu, o caro leitor também poderá sentir o sabor dessa obra, e, ao mesmo tempo deitar uma lágrima no rosto, tudo porque o autor, narra a vida dos MUSSEQUES, a beleza dessa Mãe Pátria, a BRAVURA dos antepassados, a nossa PRAXE, o AMOR pela terra onde jaz o nosso CORDÃO UMBILICAL, a Voz dos sem Voz e a TALA que nos leva diretamente para Deus sem ter que esperar muito. É uma obra que não cria tolher ao leitor, porque foi escrita sem muitos rodeios. A linguagem que nela subjaz é clara e fácil de ser compreendida. O



caro leitor, ficará empolgado, quando se deparar com o poema: "Eu Não Esqueço de onde Venho". Nesse poema, o autor procura chamar-nos à consciência afim de termos orgulho pela nossa terra mãe, uma vez que amiúde, temos vindo a notar que alguns, esquecem-se das suas terras de origem, outros ainda as discriminam. Em cada verso dos poemas, é mais um amor à pátria que nasce. À guisa de conclusão, convido-vos a lerem essa obra de um Angolano que leva consigo a bandeira da sua pátria, sem se esquecer dos seus costumes mesmo estando fora do País. Boa leitura e nutram a vossa mente com esses alimentos gambelos!

Florenço Lundindi Cassela

(Licenciando em Direito, Poeta, Escritor, Declamador e membro da Brigada Jovem de Literatura do Huambo-Angola.)



NOTA EDITORIAL

Com o propósito de difundir a cultura nacional e de valorizar o livro e a leitura, a Editora Bancada dos Escritores concretiza-se em mais uma publicação. Ao propalar este poeta, a Editora atola-se de alegria. Nada melhor que a leitura, sobretudo de poesia, para trazer equilíbrio interior e renovar esperanças, elementos vitais para que continuemos a nos empenhar pelo bem do nosso país. Que estes versos reunidos possam marcar positivamente nossos leitores.



Índice

Sobre nós!.....	4
Ficha técnica	5
Dedicatória	6
Agradecimento.....	7
Prefácio.....	8
O TAMBORDO ALTO TOCA.....	16
Orquestras sinfônicas tocam.....	18
Em cada pilucância física	19
Esta nação escura	21
Eu quero acreditar!.....	22
Trago um pouco de mim.....	23
<i>Eu estudava na noite escura.....</i>	<i>25</i>
Falta um milagre	27
Eu não esqueço onde venho.....	28
Se o batuque está montado.....	29
Minhas relíquias.....	31
Njele songa.....	31

Não faça fugir a alegria.....	33
De lá pode sair um justo.....	34
As ratoeiras do passado.....	36
Ela é minha enxada.....	38
Ainda vou entoar aquele hino.....	39
Será que o mundo.....	41
Quería escrever.....	42
O meu maior desejo era crescer.....	44
Só me resta agradecer.....	46
Os pássaros me contaram a cantar.....	48
Se me fizeres correr não vou aproveitar.....	49
Glossário.....	51

NADA MAIS ME ASSUSTA

Nada mais me assusta
Pela pátria eu falo
Ai de quem não me gosta
Eu vou entrar ao campo

Tomem a corda
Podem me enforcar
Minha mente acorda
Aqui não vou ficar

Sol lá uma canção.
Estou a tocar
Esta geração
Está a me provocar

As minhas lágrimas
Não vão cair em vão
Juro! Vou te mostrar
Os desta geração

Os que dizem
Nem que for um bocado
A nossa geração
Vai deixar um legado



Vou CORRER!

Vou correr!
Nas curvas da tundavala
Vou gritar!
No moro do moco

Vou contar
Aos reis da havalala
Que nós vamos
Entrar tipo bala

Aquela catana
Não está de figura
Pois era
Uma vez numa terra

Com a estrela
No coração
Fizeram vibrar
A nação

Não vamos deixar
Em branco a história
Somos os tais
Que dão valor a glória

O povo que valoriza
A bandeira de Angola
Que diz em voz alta
Havemos de exalta-la



Vamos acender
Aquele lâmpada
Que o colono
Apagou com chapada

Mataram ele
No oceano da colonização
Só esqueceram
Que haveria revolução

Olha! Hoje nasceu
A nova geração
Munida com o troféu
O sangue do ancião

Sem medo mostraremos
Com a bandeira levantada
Que verdadeiramente somos
A geração que dará pancada

De fato, um só povo
Sim! Uma só nação
Ok! Não há vitória
Isso mesmo, sem união.



O TAMBOR DO ALTO TOCA

O tambor do alto toca
Faz ouvir o seu lindo som
Acompanha o cantar da boca
Que vai em bom tom

O tambor do alto toca
Lembrando os ritmos do passado
Aquele que o cantor evoca
No brilhar da estrela ao lado

O tambor do alto toca
Convidando a aldeia toda
Para degustar a maçaroca
Que na fogueira é assada

O tambor do alto toca
No ritmo da chuva em trovoada
Que na sua fluidez refresca
Faz erguer a música que agrada

O tambor do alto toca
Fazer o povo entrar em pilucância
Esquecendo a energia da fofoca
E unindo-se com alegria

O tambor do alto toca
Porque lá se ouve a esperança
Do povo que até hoje fica
Para ver a alegria da criança



O tambor do alto toca
Ele não quer se calar
Por isso no ritmo solene, toca
O que nos resta é só escutar
E hoje o tambor do alto toca.



ORQUESTRAS SINFÔNICAS TOCAM

Orquestras sinfônicas tocam
Balanceando colunas de som
No sambalar não brincam
Sabem seguir bem o tom
Numa corrida

Abrem a roda de brincadeira
Para se abordar coisa séria
Limpendo a mente com vassoura
Ritmicamente em harmonia
Sem corrida

Os etambos da vida
Fazem sentir a presença
Sabem que se vive de falida
Deve se aproveitar com pressa
Viver é só isso, uma corrida

A dança traz consigo
Uma beleza no círculo da fogueira
Traz o vento como amigo
E nos leva na brincadeira
Sorrindo em corrida

Viver é só isso
Assim falou quem já viveu
Aproveita o começo
Pois o fim já morreu
A vida é uma corrida



EM CADA PILUCÂNCIA FÍSICA

Em cada pilucância física
A energia ressoa da pessoa
Aí vem o poder que toca
Que remexe o tempo que voa

Pode até chamar-me de dançarino
Uma coisa me inspira ao palco
Carrego em mim o poder divino
Aquele que não vês como cínico

Carrego os acocotos do cume
Crânio dos antepassados sábios
Eu carrego a sabedoria com lume
Que não se chama com assobios

Cada linha que compõe está saia
Leva uma magia transcendente
Deixa o meu rosto com alegria
Me levando a cada dança, distante

Para não me parecer comigo
Aí vem o mascarado parecido
Com aquele mais velho antigo
Que morreu deixando o legado



Danço no palco da vida
Não pelo carnaval anual
Pois me encontrou na viada
Quando ainda não era nacional

Eu danço pelo cultural
No ritmo daquele que morreu
Deixando Energia tradicional
Para aquele que descendeu



ESTA NAÇÃO ESCURA

Esta nação escura
Onde lutam com sida,
A avo que conhece a cura,
Vive desconhecida

Esta nação escura
Onde a água corre tipo vento,
Mas a cede vive numa aventura,
Em conventos de sedento

Esta nação escura
Assim como não chorar
Caindo por terra
Só falta enterrar

Esta nação escura
Perdemos o poder da tala
Estamos a ir na feira
Vamos vender Angola

Esta nação escura
Grande doença tradicional
Tipo nada é brincadeira
Que virou tumor nacional



Eu quero Acreditar!

Eu quero acreditar!
Margens aceitam
Convidam-me a sentar
E ver o que plantam

Eu quero acreditar!
Impossível é acontecer
Muito tempo a apostar
Dói por te conhecer

Eu quero acreditar!
Já não falas com audácia
Aquele belo frasear
Perdeste nunca instância

Eu quero acreditar!
Confiamos com alegria
Vê onde está a nos deixar
Numa fonte de gambéria

Eu quero acreditar!
Mas não posso
Começa a analisar
E compreender p-a-passo
Eu quero acreditar!
E em ti confiar!



TRAGO UM POUCO DE MIM

Trago um pouco de mim
A quem não me conhece
Para que até que enfim
Na mente coloque e lembre

Trago um pouco de mim
As lágrimas do Musseque
Lágrimas que levo até ao fim
Até onde eu pare e fique

Trago um pouco de mim
As chibatadas lacrimosas
Que transformaram o capim
Em perfumadas rosas

Trago um pouco de mim
As aleluias clamadas em noites
Ouvidas até lá sim! Assim!
Em vozes ardentes transpirantes

Trago um pouco de mim
O mim mesmo do presente
Aquele que um dia respondeu sim
Sem medo, chegou distante



Trago um pouco de mim
Os acocotos de Havalala
A energia de Njinga Mbandi
A tática de um Mumuila

Trago um pouco de mim
O mapa das belas montanhas
Das curvas revoltadas das águas
Só coisas estranhas

Trago um pouco de mim
O mapa de África
De fato, é mesmo assim
Onde o batuque toca.

Trago um pouco de mim



EU ESTUDAVA NA NOITE ESCURA

Eu estudava na noite escura
Sentando a volta da fogueira
Parecia uma brincadeira
Mas eu estudava

Chamas povo sem educação
Também sem religião
Porque é cego por opção
Eu te falo que eu estudava

Melhores escolas, eu lá
estava

Aprendendo como se contava
O enigma que o povo elevava
Assim eu estudava

Religião o povo levava no coração
Fé árdua que une o povão
Expressa-se na voz da canção
Que o povo estudava
O sorriso é a nossa identidade
Por isso é feliz fraternidade
Educaram assim na antiguidade
Vê só! Eu já estudava



Na tua esbelta selucância
Sentiste-te homem de ciência
Com força de trocar a alegria
Mas eu já estudava

Ouve bem! Eu já estudava
Na corrida com catana lá estava
Descobrimos a tua ideia parva
A porque, povo em trevas

O legado está plantado
A catana está ao lado
Serás de novo caçado
Não foste bem expulsado

Já estudava
Antes de ti
Já rezava
Antes de ti

Eu estudava
Eu lá estava
E o Musseque
Sabe disso



FALTA UM MILAGRE

Falta um milagre
Mas para o tempero
Falta também vinagre
Quem será o primeiro

Quem vai mudar esta kizomba
Que dançamos todo dia
No ritmo triste de dizumba
Quem devolverá a alegria

Aí de ti que deixa-nos chorar
Aí de ti que esqueceu
Que um dia havemos de voltar
Dando força àquele que sofreu

Vamos gritar avante junto
Assim nos ouvirá o surdo
Somos mais fortes junto
Para chutar este fardo

Alistou-me para esta esperança
O antepassado que morreu ontem
Hoje vive na minha cabeça
Dizendo estou contigo também

Avante para frente é o caminho
É só seguir aquele brilho
Não caminhando sozinho
A pátria não é órfã, tem filho



EU NÃO ESQUEÇO ONDE VENHO

Eu não esqueço onde venho
A minha origem eu não esqueço

Podes embriagar com o vinho
Meu cérebro eu conheço

O sofrimento eu conheço
Sou filho do musseque

A cada queda um começo
Educado quando muleque

O estômago conhece muito bem
Onde namoramos com a fome

E a vida parecia estar no fim
Mas o morrer nos dava nome

Eu vim de longe
Onde a tristeza é apelido

Apelido de todo kandengue
Que vive sem riso sorrindo

Eu vim daquela banda
Nunca fica distante
Onde o reflexo é lumbanganda
Minha Havalala atraente

Eu sou de lá
E o musseque
Sabe disso
Não esquece



SE O BATUQUE ESTÁ MONTADO

Se o batuque está montado
Para que ficar parado!

Hoje não emprestamos o batuque
Porque queremos terminar a festa,
Convidamos o Mbuta para que toque
Porque é o nosso Kota.

Aqueles toques do fundo,
Nós vamos tirar,
Ele toca! É profundo!
Convidando-nos a dançar.

Quem é você ó vento
Que não queres ser remoinho,
Olha o Kassindula em movimento
Que tira os toques da Huíla

Olha o Katimba Com a marimba!
Tocando e cantando
Seguindo os ritmos do semba
Olha ele! Jucundo

Olha o Kimbundo a Solar
Satchissimile! Estamos a gostar!
Olha! Pode
E também cantar



Não vamos esquecer
Nosso dia
Hoje é a causa do viver
Ah! Virgem Maria

Olha! O Pio com o teclado,
Pondo açúcar na canção
E o flautista animando
E exaltando o coração

Olha!
É festa!



MINHAS RELÍQUIAS

Njele songa

Naquela pedra alta
Vive o tambor que toca
No volume que exalta
A magia que evoca

Aquele que adormeceu
Ouvindo o som dele
No ritmo que enalteceu
O velho Njele

Naquela pedra alta
Muitos queriam lá chegar
Mas não é para toda malta
Para lá, se vai devagar

No compasso do cágado
Andamento solene
O chão é venerado
Aí está o corpo do Luvene

Naquela pedra alta
Reúne-se os antepassados
Guardiães da floresta
Vale dos perdidos



Onde jaz a santidade
Poder quase esquecido
Mas é a verdade
Deixam o moro protegido

Naquela pedra alta
Está o belo tambor
Dado em oferta
No bonito louvor

Com fé e esperança
Caminhando ao altar
Levando a criança
Que haverá de reinar

No ritmo do tambor



NÃO FAÇA FUGIR A ALEGRIA

Não faça fugir a alegria
É o melhor medicamento
Fabricado no dia-à-dia
Exalta o teu movimento

Leva você muito distante
A sociedade gosta te ver
Bem alegre e sorridente
Você é a causa do viver

Não faça fugir a alegria
Com os vukuvukus da vida
Faça como aquela Maria
Nada lhe azeda

Controla o seu inconsciente
Nas incômodas aflições
Depende dela o alegre presente
Por isso relaxa os corações

Não faça fugir a alegria
Não tenha medo da luz
Alegra a tua família
E segue quem te conduz

É o supremo ancião
Aquele que está com a chave
Da porta do alto e do chão
Dele é o segredo da clave



DE LÁ PODE SAIR UM JUSTO

De lá pode sair um justo
Vê bem este homem
É daquele posto
É louco também

Dê lá pode sair um justo
Te confesso e não minto
Hoje estou bem-disposto
E dele é o momento

De lá pode sair um justo
Olha! É um do Bailundo
Eles vivem com gosto
E vão levando o mundo

De lá pode sair um justo
Na verdade Deus sabe
Pode sair como proposto
Mas calma, malembe!
De lá pode sair um justo
É claro que pode!
Olha! Aquele resto
Olhai com atenção e vede.

De lá pode sair um justo
No cume da havalala
Reside os sagrados acocoto
História que nos revela



De lá pode sair um justo
Ainda te digo que sim
Te olhando ao rosto
Haverá mesmo assim

De lá!
Pode sim,
Sair um justo!



As Ratoeiras Do Passado

As ratoeiras do passado
Fazem ver que não mudou
Falam que está esquecido
Não se esquece o que não andou

As ratoeiras do passado
Nos ensinaram muita coisa
Até andar como vagabundo
Pois éramos simples presa

As ratoeiras do passado
Ejacularam a nossa mente
Tiraram o medo esquecido
E corremos eternamente

As ratoeiras do passado
Trazem fome triste de ver
Lembrando o nosso antepassado
Que não aproveitou o viver

As ratoeiras do passado
Guardam lágrimas de calma
Num silêncio ensurdecido
Do gritar alto da alma

As ratoeiras do passado
Deram uma inteligência
Num povo que foi esquecido
Mas que teve a boa ciência



As ratoeiras do passado
Deixaram grandes armadilhas
Não dá para dizer passado
Pois, nos segue em trilhas

As ratoeiras do passado
Formaram gênio louco
Hoje quase bandido
Que leva o seu elenco

Ratoeira da vida!



ELA É MINHA ENXADA

Ela é minha enxada
Que me faz todos os dias acordar
E me mostra que a vida é cansada
Mas não dá, parar de andar
Ela é minha enxada
Bonita para quem gosta
Não para vagabunda vida
É um instrumento de luta

Ela é minha enxada
Sinônimo de fraqueza e força
Outra coisa contemplada
Progresso de quem pensa

Ela é minha enxada
Me ajuda na batalha
Do dia-a-dia em corrida
Para ganhar uma folha

Ela é minha enxada
Já namorou com os antigos
Ela tem vida passada
Ainda arrasta os meus amigo

Ela é minha enxada
Eu confesso que a amo
Só ela me convida
Sem ela não sei se vivo como.

Ela é minha e só minha



AINDA VOU ENTOAR AQUELE HINO

Ainda vou entoar aquele hino
Eu vou entoar!
Primeiro pego o sino,
Para melhor gritar!

E vão perguntar! Eles vão,
Mas no silêncio da melodia
Vou falar com o ritmo da canção,
Angola avante! Avante todos os dias!

O passado vermelho assusta
O futuro amarelo de luz
O presente anda em marcha lenta
Esquece que leva quem nos conduz.

Ó pátria! Mas ó pátria!

Não sou culpado
Por nascer nos teus seios,
Deixa-me te contar um bocado
Eu estou aqui para viver desafios.

Te juro! Juro mesmo!



Essa fome que me consome
Me ensina a morrer,
Me coloca todos os dias no cume
E me faz de olhos de coelho viver.

Mas ó pátria!

Nunca esqueceremos
De onde saímos!

Um dia lá! Estará escrito,
Está é a geração
Que não morreu em vão!



SERÁ QUE O MUNDO

Será que o mundo
Vai mudar?

As pessoas
Gostar-se-ão?

Deixaremos de olhar,
No chão
E de pensar
Que vamos
Logo no cachão?

Acho que com estas interrogações,

Dará para compor
Várias canções.

Porque se escrever
Exige pensar,
Acho que mudar
Exigirá o mesmo.

De cabeça erguida,
Esqueçamos a bebida,
E pensemos na mudança,
Com confiança.

Deste mundo ruim,
Com pensamentos sem fim



QUERIA ESCREVER

Queria escrever,
Mas perdi
A vontade de pensar

Queria falar,
Mas não tenho palavra
Para explanar.

Se o mundo é rotativo
Por que não encontro
O meu passado?
Sempre no presente atrapalhado.

Quero voltar
Naquele tempo,
Onde eu gritava
Mamã!! Tenho fome
E ela respondia
Meu filho espera
Ainda está no fogo.

E agora!!!!!!!
Desastre,



Mamã! Tenho fome,
Meu filho
Não me atrapalha.

Porque continua
Este presente
E não vem o futuro
Que no infinito
Está ausente.

O mundo está estragado,
Gente no canto,
A chupar gelado

Para afrescar, a mente
E ver a nova gente,
Q vive no inconsciente.

Olhem o passado,
Constroem o futuro,
Porque o presente
Está escuro.

Mudança com confiança,
Porque a criança,
Não consegue ir à praça.



O MEU MAIOR DESEJO ERA CRESCER

O meu maior desejo era crescer
Com o sonho de querer ser
Aquele homem crescido
Que deixou de ser miúdo

Hoje muito rápido cresci
Sou adulto com vontade
De voltar na nguimbi
Ah! É saudade

Saudade do tempo
Que era criança
Saudade do tempo
Que o lixo dava esperança

Saudade de correr
Sorridente sobre a lama
Saudade de chorar
Para me levar a cama

Saudade de gritar
Dentro de casa
Saudade de ir
A escola para brincar



Saudades do tempo
Da liberdade
Saudades da vida
Sem falsidade

Saudades da infância
Que o tempo levou
Saudades de voltar
Ao que era meu

Quero voltar
A ser criança
Ah! Se pudesse
Eu seria com alegria.



SÓ ME RESTA AGRADECER

Só me resta agradecer

Pelo seio que me amamentou e me gerou
Pela mão que me segurou e me protegeu

A minha vénia e canto de ulamba
De ti não esqueci meu Kamba.

Não estou a tilar o futuro que aproxima
Minha mãe! Eu vou kuatisar você lá de cima.

Por isso o que me resta é agradecer

Prometo não esquecer o que nos deste com amor
Vou levar o batuque, para cantar o teu louvor
Minha mãe! Só não levarei comigo esta flor
Porque ainda os meus irmãos dependem dela.

O que me resta é agradecer

Não chora minha mãe! Não chora!
Eu vou voltar, embora não seja agora.
Eu prometo voltar na certa hora
E este batuque que estou a levar
Ainda aqui, minha mãe tocará.

Mas até lá o que me resta é agradecer.



Vou partir para gritar distante
Que dê onde venho tem
Tem a palanca negra gigante
E ainda vou gritar! Vou gritar também.

Olha! As quedas de Calandula
Olha! O Pongo a Ndongo
Okó mba! Minha mãe é bela
Olha o morro do moco

Olha! É só beleza, Olha!
As grutas do Uíge
Como é bom ver! Ver a Tundavala
Dá inveja, mas é a nossa mãe Angola.



OS PÁSSAROS ME CONTARAM A CANTAR

Os pássaros me contaram a cantar
Que hoje a estrela veio a brilhar
Que a floresta está a todos convidar
E o vento vem com o seu frio a esquentar.

Eles me contaram a cantar
Aquela música!
É mesmo aquela!

Aquela que Teta Lando!
Aos nossos ouvidos cantou:
O assobio meu!

Le sanjo lia pyamla!
Dá para dançar
É só saber
O que estão a festejar!

Acendeu-se a fogueira na aldeia
Tu votoque vosi
Twendi!
Ukaxali!
Etali eteque liokupiluka

Por isso dá para dançar
E eu!
Eu vou!
Tirar aqueles toques do fundo
Colocar os bits da igreja
Mostrar que também só do mundo
Não se cansando porque é festa



SE ME FIZERES CORRER NÃO VOU

A PROVEITAR

Se me fizeres correr não vou aproveitar,
Te peço me faça simplesmente caminhar.

Caminhar sorridente
Sem medo de tropeçar!
Pois Atirou-me de repente,
Para saber quando começar.

Eu não conheço o meu propósito
Mas não me jogou aqui de propósito,
Cresci conhecendo o sofrimento
E esse! Me ensinou talento.

Vou fazer sentir o meu nome
Timbrar em cada rua que paço
Feliz! Mesmo com sede e fome
Vou assinar o meu processo.

Ó vida, por que você é tão curta?
Por que não me falas a hora certa?
Por que não me das o mapa do viver
Para não caminhar direito no morrer?



A cada dia vivemos uma alegria
Que não se sabe se é mesmo
De felicidade ou então de alegria
Essa coisa chega tipo paludismo.

Ah! Está febre quente
Que queima a mente,
Dá uma dor de cabeça
Que vem de repente.

Vamos homo pensante!
A hora é agora!
Viver este presente,
Que é uma dádiva.



RESUMO

A modernidade nos oferece uma série de assuntos que muitas vezes não conseguimos ficar calados, ver as coisas passarem. Como seres em relação, como bem diz a Filosofia Bantu, somos convidados a dar o nosso ponto de vista, por isso, somos vocados a sentar no ondjango da vida para nos reunir e dar uma palavra.

De facto, as coisas no musseque incentivam a escrever. Por isso, traz-se nesta antologia poética o existir do mussecada, um existir que se encontra num vucu-vucu, um caos que carece de um cosmo. Não se cala poeta, ao Tambor do Alto faz erguer a sua voz, porque nada mais lhe assusta. Acredite esta geração, corremos sempre e vamos deixar o legado. Não vai morrer em vão!

Orquestras sinfônicas se reúnem para começar o show, declamando cada poema desta antologia. Declamam para dar a luz a essa nação escura, que entra sempre em pilucância. Quero acreditar que eles são felizes. Assim mesmo, como poeta trago um pouco de mim, sem esquecer as lágrimas do musseque.

O batuque está montado, desta feita, somos convidados a dançar, seguindo o ritmo do poeta que com a sua caneta escreveu a Sagrada Esperança. Não devemos fazer fugir a alegria, afinal no musseque pode ser sair também um justo, e um dia teremos coragem de dizer em voz alta que o “musseque venceu”!

Vamos carregar a enxada a entoar em oz alta o hino: Avante!



GLOSSÁRIO

Acocotos: (Umbundo) é uma expressão usada pelos ovimbundos, significa local onde jazem os crânios dos reis que passaram no reino.

Tundavala: É um verdadeiro santuário das coisas do mundo mais antigo que nós nós. A fenda da tundavala é um enorme abismo de cerca de 1200 m situado na Serra da Leba a 18 km do Lubango, na província da Haila, em Angola.

Havalala: (Huambo) Nome da montanha situada no centro do reino do Bailundo.

Pilucância: (Neologismo) - Okupiluca, do Umbundo que quer dizer dançar.

Sambalar: (gíria) - expressão usada pela juventude em Angola, quer dizer dançar.

Etambos: Os ovimbundos traduzem como locais sagrados.

Viada: (Neologismo) - Via, do latim- caminho. Viada quer dizer, Caminhada.

Gambéria: (Gíria) - Chapada.

Musseque: (quimbundo múseke, areia grossa, terra saibrosa, granja, herdade).

[Angola]Bairro, geralmente de construções precárias, nos arredores de uma cidade, onde habitam os moradores menos favorecidos.



Njinga Mbandi: Nome da rainha do Reino do Ndongo, reinou até a sua morte. Os portugueses deram-lhe o nome de Ana de Sousa.

Mumuila: O povo Mumuila são povos provindos do grupo etno-linguístico ‘Nhaneca-humbi’ espalhados um pouco por toda província da Huila. Os Vamuila (plural de Mumuila) são um povo de cultura solida e de ideologia firme. São de uma resistência cultural imensurável. São um dos povos que ainda mantém as suas costumes e tradições antigas. Muitas pessoas desconhecem da sua existência. Os Mumuila são criadores de gado, essa e a sua principal fonte de sustento.

Selucância: (neologismo) - maluquice

Kizomba: Estilo de dança Angolana

Dizumba: (Quimbundo) – problema

Kandengue: (Quimbundo) – Criança

Lumbanganda: Nome de uma montanha localizada na Província do Huambo, em Angola

Mbuta: (Umbundo) - Pequeno ou curto

Kota: (Quimbundo) - Mais velho

Semba: estilo de dança

Kimbundo: Língua falada em Angola, na África.

Satchissimile: (Umbundo) - Não pensei

Sakidilar: (Neologismo) – agradecer

Luvene: (Umbundo) - Substantivo masculino

Vukuvukus: (Neologismo) – problemas



Malembe: (Quimbundo) - com calma

Nguimbi: (Quimbundo) – Aldeia

Ulamba: (Umbundo) – Glória

Kamba: (Quimbundo) – Amigo

Tilar: (Neologismo) – Fugir

Kuatisar: (Neologismo) – Ajudar

Oko Mba! (Umbundo) - expressa uma admiração

Le sanjo lia pyamla: (Umbundo) - com alegria que é muita.

Tu votoque vosi: (Umbundo) - Levantemo-nos todos

Twendi, Ukaxali: (Umbundo) - Vamos, não fiquéis

Etali Eteque Liokupiluka: (Umbundo) - Hoje é dia de dançar



LEIA TAMBÉM





**BANCADA
DOS
ESCRITORES**

ISBN 978-65-00-65222-2